

DETERMINANTES DE EVOLUÇÃO DA PRODUTIVIDADE DO TRABALHO NO BRASIL: 1990-2009**Luiz Dias Bahia**

Técnico de Planejamento e Pesquisa do Ipea na Diretoria de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação, Regulação e Infraestrutura (Diset).

A evolução da produtividade no longo prazo de uma economia revela a essência de sua capacidade de geração de riqueza, algo indispensável ao crescimento e ao retorno social que o trabalho dos habitantes de um país é capaz de legar a estes.

Este trabalho procura quantificar a tendência de crescimento da produtividade do trabalho no Brasil entre 1990 e 2009. Além disso, separamos conceitual e quantitativamente as fontes desta tendência. Trata-se, na verdade, de identificar os vetores das mudanças produtivas que condicionaram o Brasil nestes vinte anos.

Nossos dados vieram das Contas Nacionais Anuais Brasileiras (CNAB) de 1990 a 2009. A metodologia é a da matriz insumo-produto. Como ficará mais claro ao longo deste estudo, decompomos os vetores de mudança de produtividade do trabalho, como segue: consumo das famílias, consumo do governo, formação bruta de capital fixo, exportações, substituição de importações e, finalmente, mudança tecnológica. Calculamos o impacto de cada vetor isoladamente e de todos em conjunto.

Notamos que há convergência para o valor de pouco mais que 1,0% ao ano (a.a.), quanto ao crescimento da produtividade por trabalhador no Brasil, durante o período 1990-2009. Parece-nos claro que o Brasil, de 1990 a 2009, apresentou crescimento comparável – apesar de ligeiramente menor – ao das economias maduras do primeiro mundo em período semelhante – o que *é comparação apenas qualitativa, pois não trabalhamos em paridade do poder de compra (PPP)*. Entretanto, nossa renda *per capita* em 2000 era apenas cerca de 20% da norte-americana, a mais alta do mundo. Assim, é clara também a necessidade de aumentarmos nossa produtividade para convergirmos em termos de renda *per capita* com o primeiro mundo.

Consideramos, afinal, que ritmos de crescimento da produtividade do trabalho na casa de 7% a 8% a.a., por períodos muito prolongados, são pouco prováveis de vir a ocorrer para o Brasil. Como mostra Rocha (2007), já não se observa no Brasil elevação de produtividade por alterações significativas de estrutura produtiva. Aqueles aumentos de 7% a 8% de produtividade foram típicos de economias sob forte mutação de estrutura produtiva – como aconteceu com o Japão e que atualmente ocorre com a China. Apesar de estarem em aberto mutações de estruturas produtivas, devido à emergência de novas tecnologias, acreditamos que – pelo menos no horizonte de médio prazo – as taxas anteriores do Japão e as atuais da China são improváveis de serem alcançados no Brasil.

Como também já assinalamos, são dois os caminhos que este trabalho consegue metodologicamente vislumbrar para o aumento da produtividade no Brasil: *o aprofundamento da mudança tecnológica e também o das exportações*.

REFERÊNCIA

ROCHA, F. Produtividade do trabalho e mudança estrutural nas indústrias brasileiras extrativa e de transformação: 1970-2001. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 27, n. 2, abr./jun. 2007.